

Graças a Deus

Ao término da fase inicial da campanha algumas conclusões e observações se impõem. É preciso, por exemplo, reformular o horário gratuito na TV e rádio que foi, em muitos aspectos, um abuso, com inúmeras e condenáveis distorções. O princípio de vincular o tempo concedido às bancadas é inaceitável, pois todos sabem qual a guitarra que deu o som para a dança das legendas. Além do que não se pode entender supostos partidos, candidatos de brincadeira na TV.

Não houve, também, a adequada fiscalização dos programas. Não se encontra, em sua quase totalidade, um pronunciamento responsável sobre as questões nacionais. Os candidatos não se preocuparam em definir posições, apresentar soluções efetivas, questionar problemas. O objetivo maior foi o bate-boca menor de que participou até o Presidente da República. Em vez de idéias, promessas inexecutáveis. Não participaram da campanha personalidades públicas e sim artistas que, excelentes em novelas, não são, obrigatoriamente, expoentes culturais. Em vez da macropolítica, o apelo pueril para videntes, que se transformaram em motivo de chacota.

O horário gratuito propicia o surgimento de candidatos irrealistas, de segundas intenções. Não se sabe em nome de que alguns cidadãos tiveram acesso à televisão, porém é presumível com que interesse. A facilidade permitiu

que um candidato — a quê? — dispusesse de cinco minutos diários, quando seu partido já não existia. Nem sequer melhorou o julgamento. Mário Covas, de alto nível, e Paulo Maluf, o mais competente, não subiram nas pesquisas, que mantiveram nos primeiros lugares Fernando Collor de Mello, Leonel Brizola e Luiz Inácio da Silva.

O que de melhor resultou do horário gratuito foram algumas piadas ridicularizando trejeitos e personalidades, o que é muito pouco. Os políticos o justificam com argumentos conhecidos — o aprimoramento democrático, a igualdade dos candidatos etc — que a maioria, a grande maioria, usa falsamente porque está mais preocupada com seus interesses pessoais. É preciso reequacionar o horário gratuito, dar maior importância ao confronto de idéias, aprimorar os debates dos quais, evidentemente, têm de ser excluídos os postulantes inexpressivos. Isso não ocorrerá sob imposição legal e sim pela concorrência das emissoras.

Outra conclusão é que acabou o oficialismo eleitoral. O Governo não decide mais eleições. Terá sido porque o atual governo inexistiu e ninguém se incomoda com o que faz e pensa ou porque a sociedade evoluiu e não tem medo do Governo, como parece mais provável? O certo é que ficamos livres dos candidatos de bolso do Governo. Graças a Deus.